

## FILOSOFIA : O QUE É E PARA QUE SERVE?

Inácio Pinzetta<sup>1</sup>

Sérgio Trombetta<sup>2</sup>

### RESUMO

A pretensão do texto é trabalhar algumas ideias a respeito da filosofia dentro da perspectiva de um saber que a partir da admiração, do espanto e da curiosidade se lança na busca jamais concluída pela verdade e sabedoria. A filosofia é a arte de fazer perguntas, de problematizar a totalidade dos acontecimentos que marcam nosso ser no mundo. Iremos enfatizar a noção de filosofia entendida como pensamento sistemático que busca conhecer o todo pensado em sua complexidade. Finalmente apresentamos a filosofia como um saber que tem a pretensão de ajudar o ser humano a vencer os medos que o impedem de viver bem.

### ABSTRACT

The aim of this text is to work some ideas about philosophy inside the perspectives of a knowledge from admiration, astonishment and curiosity that launches the endless searching for the truth and wisdom. Philosophy is the art of asking questions, discuss the amount of the events that mark our being in the world. We are going to emphasize the notion of philosophy understood as systematic thought that seeks to know the whole thought of its complexity. Finally we present the philosophy as a knowledge that claims to help the human beings to overcome the fears that prevent them from living well.

---

<sup>1</sup> Inácio Pinzetta. Doutor em filosofia, professor de Humanismo na Unisinos e de Filosofia no Ensino Fundamental na Escola Olímpio Vianna Albrecht, Professor na Unisinos e na EMEF Olímpio Vianna Albrecht, São Leopoldo. São Leopoldo, RS

E-mail: [pinzetta@unisinos.br](mailto:pinzetta@unisinos.br)

<sup>2</sup> Sérgio Trombetta. Mestre em Filosofia, professor de Antropologia e Filosofia na Unisinos, São Leopoldo, RS e de Filosofia e Ética Profissional na FACCAT, Taquara, RS.

mail: [sergiot@unisinos.br](mailto:sergiot@unisinos.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Para que serve a filosofia mesmo? Qual o seu valor em um mundo pautado pela busca de resultados práticos ou pela eficácia monetária? Essas são perguntas que desafiam os que estudam filosofia e os professores de filosofia. Essas questões podem ser desdobradas em outras: qual é a utilidade da filosofia? Qual é a importância da filosofia no nosso dia a dia? Quem estuda filosofia, a que se capacita fazer? As respostas também podem ser e são diversas. Quem estuda filosofia e conclui o curso pode candidatar-se a ser professor de filosofia se assim o desejar. E como estamos carentes de bons professores de filosofia! Ou ainda, se tiver boa voz, boa capacidade oratória e poder de persuasão, boa articulação e bom desenvolvimento dos pensamentos, boa bagagem de conteúdo, pode administrar palestras sobre assuntos no âmbito da política, da educação, da ecologia, dos direitos humanos, da liderança, da inovação e de tantos outros temas que o filósofo propõe ou lhes são propostos. Hoje é cada vez maior o número de empresas que oferecem palestras de cunho filosófico para seus colaboradores. Outros estudam filosofia para poder qualificar seu trabalho, sua profissão. Outros ainda, para buscar respostas mais consistentes e profundas para suas perguntas referentes à existência, ao sentido da vida. Há quem estude filosofia ou lê livros de filosofia por simples curiosidade, por prazer pelo prazer. Outros tantos estudam filosofia para se aproximar da sabedoria e assim viver uma vida mais sábia, ética e de bom senso.

O objetivo deste artigo é o de entrelaçar essas questões com o nosso cotidiano e propor mais perguntas, pois a filosofia vive de perguntas, da dúvida, do questionamento; cada resposta suscita uma nova pergunta que desafia o pensamento a ir sempre mais longe, na busca da verdade e na compreensão de tudo o que faz parte da existência humana. A questão filosófica pronuncia: O que é isso(?), por exemplo, o que é a verdade, a justiça, o conhecer, o pensar? O que é uma vida boa? O que é o belo? Que é o movimento? É preciso duvidar de tudo, adotar uma postura cética, abandonar todos os pressupostos a fim de possuí-los novamente, gerados pelo conceito resultado de uma análise radical da realidade em questão. “A Filosofia seria isso mesmo: uma especulação infinita e desregrada em torno de qualquer assunto ou questão, ao sabor de cada autor, de suas preferências e mesmo de seus humores. Há mesmo quem afirme não caber à Filosofia resolver, e sim unicamente sugerir questões e propor problemas, fazer perguntas cujas respostas não têm maior interesse, e com o fim unicamente de estimular a reflexão, aguçar

a curiosidade” (Prado Jr, 1996, p. 06). O certo é que sem filosofia nada compreendemos de essencial e profundo do mundo em que vivemos. Através do estudo da filosofia podemos viver melhor e mais livremente.

## **2. FILOSOFIA: Uma busca sem fim pela VERDADE e pela SABEDORIA.**

Pensamos que o motor que move o ser humano na busca do conhecimento e da compreensão da totalidade dos acontecimentos que tecem a sua vida, são as perguntas que despertam para um pensar mais profundo e sistemático. Suas perguntas são mais essenciais que suas repostas e toda resposta se converte em uma nova pergunta. Indagar, não responder, é a essência da filosofia. Neste sentido podemos dizer que filosofia é um pensamento radical, rigoroso e de conjunto; é um questionamento das certezas e uma crítica radical a todas as formas de saber; a filosofia deve contribuir para o desenvolvimento do espírito problematizador.

Numa época de reflexão desinteressada e compreensão alienada, a filosofia é um convite para ver o mundo com rigor crítico, capaz de interpretar o que está por trás dos fatos. “A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida” (Morin, 2001, p. 54). Nessa linha de pensamento podemos dizer que a atitude filosófica poderia ser definida como: Investigação reflexiva e crítica. “A decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido; para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações” (Chauí, 2010, p. 21).

De acordo com Souza (2003), a filosofia nasce por uma desconstrução inicial das estruturas automáticas da vida, ou seja, de sua obviedade. Assumimos uma atitude filosófica no momento que passamos a questionar o automatismo e a obviedade do real. A filosofia consiste, em suas linhas gerais e determinantes, na crítica da realidade, crítica que se dirige em todos os sentidos, inclusive a si mesma, como autocrítica. A filosofia sem autocrítica é, simplesmente sua autonegação. Filosofia tem muito a ver com a reflexão crítica; com uma postura reflexiva; um pensar profundo; aprender a pensar de modo sistemático e coerente.

Na relação com o mundo e com a totalidade dos acontecimentos é essencial ao ser humano pensar o sentido da sua existência. O que acontece hoje? De acordo com Heidegger (2002), o que mais cabe pensar cuidadosamente em nosso tempo, que tanto nos dá a pensar, revela-se no fato de ainda não pensarmos. O homem vem agindo demais e pensando de menos. Vivemos um tempo marcado pelo ativismo e nos ocupamos com um número cada vez maior de pequenas tarefas que fazem do ser humano um simples cumpridor de tarefas sem tempo para pensar, refletir e analisar de modo crítico o que está acontecendo. Nossa preocupação é com os resultados, com a utilidade do fazer e desse modo não conseguimos criar o hábito de pensar de modo filosófico. Vivemos a era da técnica e da ciência. “A ciência não pensa” (Heidegger, 2002, p. 115).

A filosofia, no mundo ocidental, tem seu berço na Grécia. De acordo com Diógenes Laércio, um historiador da filosofia do segundo século da nossa era, “a filosofia teve uma origem dupla, começando com Anaximandros e com Pitágoras. O primeiro foi discípulo de Tales, enquanto Pitágoras recebeu lições de Ferecides” (LAËRTIOS, 1977, p. 16). “Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo” (LAËRTIOS, 1977, p. 15) que significa literalmente amor, amizade pela sabedoria. O filósofo desde a sua origem é uma pessoa humilde diante da complexidade da vida e suas grandes questões. Pitágoras é um bom exemplo desta postura humilde. Ele foi chamado pelos seus contemporâneos de sábio. Mas preferiu ser considerado filósofo que literalmente quer dizer amante da sabedoria. “Pitágoras teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la ou amá-la, tornando-se filósofos” (Chauí, 2010, p.32). Nesta mesma lógica, Pieper (2007), traz a ideia que as palavras filosofia e filósofo foram, segundo uma antiga lenda, cunhadas por Pitágoras, inclusive em oposição declarada às palavras Sophia e sophos: nenhum homem é sábio e sapiente, sábio e sapiente é somente Deus. Desse modo, o homem pode, no máximo, denominar-se um amante da sabedoria: um philosophos. O filósofo cultiva a paixão pela sabedoria e ao mesmo tempo um desejo de verdade. Filosofar em última análise não é senão ser um eterno principiante.

A sabedoria nada mais é do que o bom-senso, isto é, o conhecimento correto das coisas da vida; o conhecimento para se chegar a uma vida boa. De certo modo podemos dizer que para o mundo grego o objetivo central da filosofia é desenvolver em cada ser humano a SABEDORIA e o cuidado da vida interior; a estética da alma, através da reflexão, do conhecimento de si e da vida virtuosa. Filosofia é o uso do saber em proveito

do ser humano e seu desejo de felicidade. Trata-se de pensar bem para viver bem. Filosofia é um esforço em direção à sabedoria, esforço sempre não consumado.

De onde nasce, pois, o interesse pela sabedoria? Por que o homem quer saber mais e mais? A essa questão, Aristóteles responde: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (ARISTÓTELES, 2002, p. 3, 980<sup>a</sup> 1-2). São todos os homens e não apenas alguns que tendem ao saber, que são curiosos; que se espantam, se admiram frente ao mundo e começam a fazer perguntas a respeito do princípio (Arché) de todas as coisas. “De onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido do mundo e da vida? O universo teve um começo? Terá um fim? Há leis que regem o curso do universo? Essas leis valem também para nós? Podemos desobedecer a estas leis? O que acontece quando desobedecemos a elas? Há recompensa e castigo? Há mesmo ou deve haver? Isso ocorre durante esta vida ou numa existência após a morte? Pode-se pensar sem contradição, uma vida eterna, uma existência após a morte? Pode haver um tempo depois que todo tempo acaba? Pode haver um depois após o último e definitivo depois? Afinal, quem somos? Filosofia é a tentativa sempre frustrada e sempre de novo retomada, de dar uma resposta racional a estas questões. Filosofia sempre é e continua sendo apenas Amor à Sabedoria” (Cirne-Lima, 1996, p. 11 e 13).

Antes de Aristóteles, seu mestre Platão afirmava, pela boca de seu mestre Sócrates, no livro Teeteto, que “a admiração (thaumázein) é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia.” Platon, 1970, p.45, 155d). Aristóteles, no livro de Metafísica, afirma:

De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe; [...] De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática. E o modo como as coisas se desenvolveram o demonstra: quando já se possuía praticamente tudo o de que se necessitava para a vida e também para o conforto e para o bem-estar, então se começou a buscar essa forma de conhecimento. É evidente, portanto, que não a buscamos por nenhuma vantagem que lhe seja estranha; e, mais ainda, é evidente que, como chamamos livre o homem que é fim para si mesmo e não está submetido a outros, assim só esta ciência (filosofia) dentre todas as outras, é chamada livre, pois só ela é fim para si mesma. (ARISTÓTELES, 2002, p.12-13; 982b 11-28)

O termo grego utilizado tanto por Platão quanto por Aristóteles para dar a ideia de perplexidade é *thaumázein* que pode ser traduzido por admiração ou espanto. O ser humano, ao se deparar com uma infinidade de coisas, das mais simples às mais complexas, fica perplexo, espantado, admirado. Filosofia é o desejo, movido pela admiração, espanto, curiosidade, inquietação e angústia, de chegar ao saber mais profundo e criterioso que nos aproxima da verdade de todas as coisas analisadas. O espanto é a *arché* da filosofia; ele perpassa qualquer passo da filosofia. Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar. “O sentido da admiração é a experiência de que o mundo é mais profundo, mais amplo, mais misterioso do que parece ao entendimento comum. Admirar e filosofar estão ligados um ao outro num sentido muito mais essencial do que à primeira vista parece estar expresso na frase “admiração é o início da filosofia”. A admiração não só é o começo da filosofia – no sentido de *initium*, início, primeiro estágio, grau anterior. Mais do que isso, admiração é *principium*, origem interna e permanente do filosofar. (Pieper, 2007, p. 45).

Esse encontro surpreendente do homem com aquilo que não sabe propicia o início da filosofia que se move essencialmente pelo desejo de saber. A curiosidade e o desejo de aprender sempre mais são os pilares da atividade filosófica. Os seres humanos que se dedicam a filosofia precisam ser bons investigadores de muitas coisas. Sócrates, antes de Platão e Aristóteles, andava quase que diariamente pela principal praça de Atenas, a *ágora*, para ali, se encontrar com os jovens, com os políticos para dialogar, pois esse era seu método de ensinar e aprender filosofia. Duas foram suas frases, entre tantas outras, que ficaram famosas na história da filosofia. Uma, “sei que nada sei”. A outra, “conhece-te a ti mesmo”. A primeira apresenta uma contradição, pois Sócrates tem um saber, ele sabe que nada sabe. Ele sabe, portanto, uma coisa: que nada sabe. Sócrates utiliza esse seu saber de que nada sabe para justificar suas infindas perguntas que tem por objetivo demonstrar para a pessoa com quem está dialogando que também nada sabe. Se nada sabe e quer saber, o caminho (o método) é perguntar. As perguntas fazem pensar. Para se dar uma resposta razoavelmente satisfatória, é necessário pensar, refletir, analisar os seus argumentos. Bem mais fácil, portanto, é aceitar as opiniões dos outros e engoli-las e pronto! E pior, aceitá-las como verdadeiras. É isso que Sócrates quer evitar. O ser humano não é uma ovelha que vai atrás de outra ovelha sem saber por onde está indo a ovelha que está na sua frente. A pergunta faz pensar e ajuda a construir uma resposta própria. Essa resposta é submetida a uma outra pergunta da qual deriva uma outra resposta. É o árduo trabalho do diálogo até que se chegue a uma resposta convincente e

irrefutável. O fruto deste método dialógico é a autoconfiança nas próprias ideias. Ao fim e ao cabo, como foi o final da vida de Sócrates? Condenado à pena de morte! Crime, qual foi seu crime? Dois foram seus crimes: um, acusado de corromper a juventude de Atenas, afinal, os jovens atenienses começaram a pensar com a própria cabeça, com autonomia, e o outro crime foi o de desrespeitar os deuses cultuados em Atenas. Para que tantos deuses? A outra frase, “conhece-te a ti mesmo”, Sócrates a tomou do pórtico do famoso templo de Delfos, e considerada por Tales de Mileto como a coisa mais difícil (LAERTIOS, 1977). Os filósofos que precederam a Sócrates tinham seu principal interesse no conhecimento do mundo, na natureza e suas principais perguntas estavam voltadas para a constituição do mundo, da natureza. De que são feitas as coisas? Qual é o princípio de todas as coisas? Qual a primeira coisa (arché) da qual tudo provém? A esses pensadores, a história da filosofia dá o nome de pré-socráticos, porque a partir de Sócrates a questão principal não é mais a de conhecer o universo físico, mas o vasto, amplo e profundo mundo do ser humano. Hoje, essas duas grandes questões, ainda assombram o ser humano, a saber: o que é o universo? (de onde provém, qual sua origem?) e o que é o ser humano?.

A história da filosofia registra, pois, dois grandes passos no pensamento grego. O primeiro foi o da passagem do mundo mitológico para o universo da razão, feito por Tales de Mileto. “Tales desempenha um papel muito importante na história da filosofia, nem tanto pelas respostas que deu a algumas interrogações, quanto pelas próprias perguntas que fez a si mesmo. Olhar em volta, tentar pensar nas coisas, não deixar por conta dos Deuses a solução de todos os mistérios; este foi o primeiro passo do pensamento ocidental no sentido de interpretar o universo” (Crescenzo, 2005, p. 35). O segundo, do mundo da natureza para o conhecimento do ser humano, da sua essência, da sua alma (psiquê). As primeiras respostas que o ser humano deu aos seus espantos diante dos surpreendentes e inexplicáveis fenômenos da natureza, tais como o raio, o trovão, a chuva que vem do alto, o tempo que devora os seres vivos, quem habitava e coordenava as forças dos mares, foram de ordem religiosa e mitológica. Platão, no livro República, diz que se deve ficar atento com os criadores de mitos porque os mitos falsos prejudicam os seres humanos. Segundo Platão, não se deve contar, por exemplo, que os deuses façam guerras entre si porque isso não corresponde à verdade. De igual modo, Platão diz que não se deve contar aos homens e principalmente às crianças os mitos que narram o combate entre gigantes e heróis porque os jovens não sabem julgar o que é e o que não é o sentido profundo. As opiniões recebidas quando se é jovem são posteriormente irremovíveis. Platão não rejeita

pura e simplesmente as narrativas mitológicas, antes considera que elas têm um sentido profundo, mas considera necessário desenvolver no cidadão a capacidade de raciocinar, de bem julgar e de não se deixar levar por histórias fantasiosas. (PLATÃO, 1980, 377b-379<sup>a</sup>). Os mitos continuam a ter um valor inestimável e são um precioso contributo na compreensão do ser humano, de sua psique, de sua imbricação com a natureza e com o mundo político, a pólis (cidade). Os mitos precisam ser lidos e interpretados a partir da atmosfera e do contexto histórico em que foram criados e neles encontrar seu sentido profundo.

Ao passar das narrativas mitológicas para a observação atenta do mundo da natureza, o ser humano instaurou um novo método de se inserir no mundo, a saber, através da razão e não mais da imaginação.

“A filosofia tem suas origens e ponto de partida quando o pensamento investigador do Homem se volta reflexivamente sobre si próprio e seu conteúdo de conhecimentos já elaborados e conceituados, ou em vias de elaboração, a fim de aferi-los, compreender o processo de sua elaboração, conceder-lhe segurança e orientação adequada para a utilização prática a que se destinam” (PRADO JR. 1996, p. 30).

A passagem do mito para a filosofia, esse importante passo, ou salto, quem o deu por primeiro foi Tales de Mileto. O sábio de Mileto, após observar a natureza, deduziu que tudo provinha da água, ou seja, que a água é o primeiro elemento sobre o qual se estratifica o universo no qual vivemos, ou seja, a água é a *archê*, o fundamento dos fundamentos da natureza. Depois dele, Tales de Mileto, outros sábios apresentaram outros princípios constitutivos da natureza: o ar, o fogo, a terra, o *lógos*, o átomo, o ilimitado. O ser humano, desde então, continua buscando respostas racionais diante das perguntas que a beleza e a harmonia e a imensidão do Cosmos suscitam em cada um de nós.

Referente a Tales de Mileto há uma anedota contada por Diógenes Laértios que ilustra muito bem a passagem do mundo mítico para o âmbito da racionalidade:

Contava-se que certa vez, que quando era levado para fora de casa por uma velha serviçal para observar as estrelas, Tales caiu numa vala, e seu grito de socorro levou a velha a dizer: “Como pretendes, Tales, tu, que não podes sequer ver o que está à tua frente, conhecer tudo acerca do céu?” (LAÉRTIOS, 1977, p. 15)

Essa vala (buraco) a que a anedota se refere é o fundamento (SCHÜLLER, 2007). Antes de Tales, as narrativas mitológicas davam sustentação e fundamento ao pressuposto saber. Agora, sem o mito, o homem procura o fundamento na própria razão, na

observação, na experiência. O que hoje parece ser seguro e estável, amanhã não o é mais. O que é sólido se volatiliza, e feito poeira, perde-se no infinito. Abre-se, com isso, um buraco e nele o homem cai. É preciso buscar outro fundamento e, de novo, o homem deve buscar outro e outros fundamentos. Assim avança a ciência, de buraco em buraco, na humildade e na persistência.

Retornemos, agora, à pergunta inicial: para que serve a filosofia mesmo? Para que serve o pensar pelo pensar? Vimos acima, que de acordo com Aristóteles, os homens buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por utilidade prática. A filosofia não é um saber de funcionário preocupado com os resultados imediatos e práticos, mas um saber livre que visa a um pensar bem para viver bem. Os homens filosofaram para libertar-se da ignorância e buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática. Apenas depois de possuir praticamente tudo necessário à vida, o homem começou a buscar essa forma de conhecimento, a saber, a filosofia, o amor ao saber. (ARISTÓTELES, 2002). Essa compreensão aristotélica referente ao trabalho de pensar, à filosofia, é transposta para o provérbio latino “*primum vivere, deinde philosophari*” (primeiro viver, depois filosofar). Visto assim, do alto e ao longe, só poderiam mesmo filosofar os deuses, pois só estes têm suas necessidades básicas para sempre garantidas. O que Aristóteles está a dizer é que a filosofia não tem uma utilidade prática, mas constitui valor em si mesma e nisso está sua grandeza e constitui a grandeza de todos quantos a ela se dedicam. O primeiro passo da filosofia, que dá início ao filosofar, é o espanto, a admiração, mas isto é apenas o primeiro passo. “Por outro lado, a posse dessa ciência deve nos levar ao estado oposto àquele em que nos encontrávamos no início de nossas pesquisas” (ARISTÓTELES, 2002, p.13; 983a 11-13). Esse lado oposto a que Aristóteles se refere são as ações, e a partir desse ponto, o pensador de Estagira começa a narrar o árduo e penoso trabalho, o estudo, a pesquisa, que muitos filósofos empreenderam para “adquirir a ciência das causas primeiras” (ARISTÓTELES, 2002, p.15; 983b 24). A ideia do entrelaçamento da teoria e ação, da filosofia e as atividades do ser humano é melhor desenvolvida na obra *Ética a Nicômacos* na qual o tema principal abordado é a felicidade, fim último de toda pessoa. (ARISTÓTELES, 2001).

A ideia de que a filosofia para nada serve é antiga.

Atribui-se a Tales de Mileto, por sua grande sabedoria, uma especulação lucrativa, que aliás, nada tem de extraordinário. Reprovava-se a sua pobreza, dizendo que a filosofia para nada serve. Ele havia previsto, diz-se, por seus conhecimentos astronômicos, que iria haver uma grande colheita de azeitonas. Estava-se ainda no inverno. Procurou Tales o dinheiro necessário, arrendou todas as prensas de óleo de Mileto e de Chio por um preço bem módico, pelo fato de não ter concorrentes. Quando veio a colheita, as prensas foram procuradas de repente por uma multidão de interessados. Alugou-as então pelo preço que quis, e realizando assim grandes lucros, mostrou que é fácil aos filósofos enriquecer quando querem, embora não seja esse o fim dos seus estudos. (ARISTÓTELES, 1947, p. 31).

Fica claro, pois, que a filosofia perde seu objetivo, sua essência, se transpuser seu objetivo, que é o amor ao saber, saber pelo saber, para fins lucrativos, pecuniários. A filosofia está profundamente imbricada com o sentido da vida, com os valores éticos e morais, com a existência de cada pessoa humana que aspira à felicidade. A filosofia é a arte de pensar a existência para qualificar o nosso viver.

Diógenes Lâertios também narra essa mesma história narrada por Aristóteles a fim de mostrar que o próprio Tales quis demonstrar que é fácil enriquecer.

No segundo livro de sua obra *Notas esparsas*, Hierônimos de Rodes relata que, a fim de mostrar que era fácil enriquecer, Tales, prevendo uma boa safra de azeitonas, arrendou todos os moinhos destinados à produção de azeite, e assim ganhou muito dinheiro. (LAËRTIOS, 1977, p. 19).

O símbolo da filosofia, a coruja de Minerva, assinala seu objetivo, que é o saber pelo saber. Minerva é deusa romana, equivalência ou versão da deusa grega Athena, também conhecida como Palas Atena, protetora da cidade de Atenas, deusa da sabedoria, protetora do azeite de oliva, um dos principais produtos agrícolas da Grécia Antiga. Deusa ainda, associada à guerra e às habilidades manuais. “A coruja da filosofia é a coruja de Minerva, [...] mascote da filosofia” (GHIRALDELLI, 2015, p. 1) pousada na mão direita da deusa. É o símbolo da filosofia porque está junto da deusa da filosofia e porque ela mesma assinala, enquanto símbolo e metáfora, para a visão do todo e de tudo, que é a pretensão da própria filosofia. Tanto para Platão como para Hegel, a filosofia deve ter a pretensão de pensar o todo. A coruja é uma ave que tem capacidade de visão muito ampla e é capaz de observar tudo o que se passa ao seu redor. Minerva é a deusa da filosofia, mas quem entrou como símbolo foi sua coruja, que se tornou famosa no mundo ocidental a partir do que Hegel escreve no prefácio do livro *Princípios da filosofia do direito*, a saber “quando a filosofia chega com sua luz crepuscular ao anoitecer, uma manifestação

da vida acaba de envelhecer. Não se pode rejuvenescê-la como cinza sobre o cinza, mas apenas conhecê-la. Ao cair das sombras da noite é que alça voo o pássaro de Minerva.” (HEGEL, 1997, p. 37). Com essa proposição, o pensador de Stuttgart sustentava que a filosofia só poderia afirmar algo sobre o mundo após a necessidade ter se manifestado, ou seja, a posteriori. Essa bela metáfora hegeliana é uma alusão à tarefa da filosofia que é a de falar sobre o mundo, mas apenas pode fazer isso por meio de um discurso de linguagem racional após a consumação dos acontecimentos. Hegel, portanto, torna famosa a coruja de Minerva, ou a coruja de Athena, e o faz, ligando a função da filosofia com a metáfora da coruja. A filosofia não tem a tarefa de prever o que vai acontecer ou forçar que certos acontecimentos sucedam no curso da história, mas de explicar o sentido da história a partir dos acontecimentos efetivados na própria história. A coruja, ao erguer seu voo ao entardecer, à luz do crepúsculo, está a assinalar que a filosofia tem como árdua e penosa tarefa efetivar a leitura e a interpretação dos acontecimentos que se entrelaçam na história e que constituem a própria história, de elevá-los ao nível do conceito, do pensamento e da racionalização. Filosofia é pensar o tempo presente; é elevar ao conceito, a compreensão racional do que está acontecendo. O filósofo é quem toma a decisão de interpretar o que acontece ou aconteceu e com grande esforço racional, dar explicações sempre provisórias, portanto, não absolutas. Se filosofia tivesse como tarefa fazer acontecer a história, acelerar o processo de evolução dos acontecimentos, talvez a melhor metáfora seria a do galo que pelo seu canto faz amanhecer o dia.

A leitura, a interpretação e a elevação dos acontecimentos ao âmbito do conceito, do pensamento, só podem ser efetivadas porque existimos, porque existem os entes, porque existe o ser. É isso que causa o primeiro e o principal de todos os espantos e que nos move por isso mesmo a pensar e a filosofar. A primeira de todas as perguntas, no âmbito da filosofia, não em ordem cronológica, mas em importância, foi formulada pelo filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716): “Por que tal coisa existe, em vez de nada?” Essa questão é retomada por Martin Heidegger (1889-1976) bem no início de seu livro *Introdução à metafísica*. “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” (HEIDEGGER, 1969, p. 33). Continua Heidegger: “Eis a questão. Certamente não se trata de uma questão qualquer [...] essa é evidentemente a primeira de todas as questões” (HEIDEGGER, 1969, p. 33). As primeiras questões em ordem cronológica são, com certeza, bem outras. Basta escutar uma criança nos primeiros passos na linguagem, na fala, e perceberemos que as perguntas são de práticas, das necessidades básicas, do dia a dia. Em seguida vêm as questões de como nasci, quando nasci, de onde vim, como vim.

Da pergunta, a grande e fundamental pergunta “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada” ninguém escapa, e ela nos causa espanto e admiração. Todos são atingidos por essa questão, “talvez mesmo de quando em vez, por sua força secreta, sem saber ao certo, o que lhes acontece” (HEIDEGGER, 1969, p. 33). A questão proposta por Leibniz e retomada por Heidegger é a primeira de todas as questões filosóficas, repitamos, não em ordem cronológica, mas em ordem de dignidade (HEIDEGGER, 1969, p. 34). Essa pergunta dignifica quem a faz, no caso, o ser humano. Por essa pergunta, o homem se dá conta, tomado de espanto e admiração, que ele existe, que é um ser que está no mundo, e se persistir na contemplação e no espanto, a tomada de consciência de que é um ser que existe e que poderia não existir, lhe dá vertigem e angústia. Existir é um milagre, uma possibilidade quase impossível de ser efetivada. Isso dá vertigem. A angústia se refere ao futuro, às infinitas possibilidades que cada ente pode realizar e acima de tudo à consciência que somos seres finitos, seres para a morte; que não somos um dado pronto, mas uma tarefa; um ter que se fazer; um projeto lançado para o futuro, mas sem nenhuma garantia de êxito.

Heidegger diz que a questão “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada” é a primeira de todas as questões em ordem de dignidade e pode ser explicada de três modos. Primeiro, porque é uma questão que cobre o máximo de envergadura, a saber, não se detém em nenhum ente, mas abrange a todos os entes. Segundo, porque é a mais profunda das questões, a saber, é uma pergunta que trata da proveniência de todos os seres. De onde viemos? “Em que fundo descansa o ente” (HEIDEGGER, 1969, p. 34), “Ela (a questão) procura o fundo do ente enquanto ente” (HEIDEGGER, 1969, p. 34). Terceiro, trata-se da mais originária das questões, porque é o próprio homem que faz essa intrigante questão. “Um elefante numa floresta virgem da Índia é tão bem um ente, quanto um fenômeno de combustão química do planeta Marte ou qualquer coisa outra” (HEIDEGGER, 1969, p.35). Esse elefante, um ente como qualquer outro enquanto ente, não se faz a questão que só o homem é capaz de fazer para si mesmo: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?”. Com essa pergunta, o ser humano investiga sobre o enigmático sentido da existência humana e de todos os seres. O que representa a filosofia? Na análise de Heidegger, a filosofia é uma das raras possibilidades de existência criadora. Seu dever inicial é tornar as coisas mais refletidas, mais profundas.

A polissemia da palavra filosofia é muito ampla. Cada filósofo apresenta uma definição de filosofia. Vamos citar alguns filósofos para que tenhamos uma visão a respeito do desacordo que há até mesmo entre eles sobre o sentido da filosofia e o valor

da filosofia. Platão define a filosofia como: “um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos para que vivam numa sociedade justa e feliz” Na perspectiva de Platão, a filosofia é uma atividade que nos ajuda a caminhar em direção da verdade, da justiça e da sabedoria que são fundamentais para a vida feliz na esfera individual e coletiva.

Descartes pensa que a filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes com as quais ficam menos submetidos às forças naturais, às intempéries e aos cataclismos (CHAUI, 2010, p. 29).

O projeto cartesiano é um saber a serviço da vida. Pelo saber o ser humano deve se tornar mestre e possuidor da natureza. A ciência tem como missão melhorar, prolongar a vida humana no mundo. Kant em sua intenção crítica frente aos poderes da razão afirmou que a filosofia “é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer, o que pode fazer e o que pode esperar, tendo como finalidade a felicidade humana” (CHAUI, 2010, p. 29). Fica evidente que para Kant, a razão humana no que se refere ao conhecimento só pode conhecer os fenômenos que se manifestam no espaço e no tempo. Nossa tentação ao universo metafísico se depara com os limites da nossa capacidade de conhecimento restrita aos fenômenos possíveis de experiência. “Sem a sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum objeto seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegos” (KANT, apud, SCRUTON, 2011, p. 49). No entendimento de Kant, a tarefa da filosofia é determinar os limites e as possibilidades do conhecimento humano. Marx sentenciou que ao longo da história a filosofia havia apenas interpretado o mundo e que o desafio atual seria transformá-lo; a teoria encontra seu sentido na ação; filosofia é práxis permanente = teoria, ação e reflexão. Nesta linha de pensamento, Merleau-Ponty afirma que a filosofia “é um despertar para ver e mudar o mundo”(CHAUI, 2010, p. 29). Filosofia exige engajamento ético e político para mudar estruturas que negam a dignidade humana. Para Espinosa, a filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade. Ninguém é feliz sem o mínimo de reflexão e sabedoria. Nessa definição, a filosofia é um saber útil para se chegar a uma vida bem sucedida.

Na visão de Deleuze e Guatari (1992, p. 10), “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. O filósofo inventa, pensa, repensa e analisa com rigor o

conceito. O filósofo é bom em conceitos, e em falta de conceitos, ele sabe quais são inviáveis, arbitrários ou inconsistentes, que não resistem um instante, e quais, ao contrário, são bem feitos e testemunham uma criação, mesmo se inquietante ou perigosa. O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. André Comte-Sponville (2005), define a filosofia como a arte de pensar por conta própria; refletir sobre os saberes disponíveis; interrogar-se sobre seu próprio pensamento, sobre o pensamento dos outros, sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre o que a experiência nos ensina, sobre o que ela nos deixa ignorar. A filosofia é questionamento radical, busca da verdade global ou última, criação e utilização de conceitos, reflexividade (volta do espírito ou da razão para si mesmo: pensamento do pensamento), meditação sobre sua própria história e sobre a história da humanidade, busca da maior coerência possível, da maior racionalidade possível; construção de sistemas, elaboração de teses, de argumentos, de teorias. Mas também é, antes de tudo, crítica das ilusões, dos preconceitos, das ideologias. Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria: a felicidade, mas na verdade. Na trilha de Kant, André Comte-Sponville nos diz que a filosofia nunca é uma ciência que se possa ensinar ou aprender; podemos apenas aprender a filosofar, a exercitar a razão com autonomia e liberdade.

O professor Ernildo Stein (2003), faz uma distinção clara entre ciência e filosofia. A ciência trabalha na busca da solução dos problemas. Seu objeto de estudo é sempre particular. A filosofia não se preocupa com a solução dos problemas (essa é a preocupação das ciências), mas com os problemas da solução. A filosofia jamais clareia os seus problemas totalmente, porque trata sempre dos problemas da solução. Fazer filosofia é analisar a solução dos problemas apresentada pelas diferentes ciências. Filosofia é um pensamento crítico da totalidade e uma análise da solução dos problemas apresentados pelas diferentes racionalidades. Filosofar dirige-se para o mundo como um todo. “Filosofar é a realização da disposição natural da essência do espírito humano para a totalidade” (Pieper, 2007, p. 67). Filosofia é a ciência da ciência em geral; é a ciência, não das coisas, mas do por-trás-das-coisas. É a ciência universal que deve unificar num sistema coerente os conhecimentos universais fornecidos pelas ciências particulares. O filósofo

tenta orientar-se no conjunto dos fatos de um modo sistemático visando sempre à compreensão do todo; a filosofia aspira à verdade total. A filosofia é necessariamente saber da totalidade e por essa razão seu conhecimento é essencialmente sistemático.

Saviani (1996) busca compreender o significado da filosofia no espaço existencial do ser humano. A pergunta feita é a seguinte: o que leva o ser humano a filosofar? O que leva o ser humano a adotar uma atitude, uma postura filosófica frente à realidade? Conforme o autor, o ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos o nome de problema. Eis, pois, o objeto da filosofia, aquilo que trata a filosofia, aquilo que leva o ser humano a filosofar: são os problemas que o ser humano enfrenta no transcurso de sua existência. A essência do problema é a necessidade. Uma questão cuja resposta se desconhece e se necessita conhecer, eis aí um problema. O afrontamento, pelo ser humano, dos problemas que a realidade apresenta, eis aí, o que é a filosofia. Isto significa, então, que a filosofia não se caracteriza por um conteúdo específico, mas ela é, fundamentalmente, uma atitude; uma atitude que o ser humano toma perante a realidade. Ao desafio da realidade em sua complexidade, representada pelos problemas e as angústias da existência, o ser humano responde com a reflexão. Mas o que significa reflexão? Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, voltar atrás, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar. Filosofia é: a reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a existência em sua complexidade apresenta ao ser humano no seu cotidiano.

Luc Ferry (2008) quando pensa o sentido da filosofia nos diz o seguinte: os manuais de filosofia a definem como a arte da reflexão; o exercício do espírito crítico; iniciação à argumentação; pensar por conta própria; pensar com rigor e autonomia; ser capaz de autonomia intelectual. Segundo o autor, todas essas definições são válidas e importantes. Claro que é sempre preferível em filosofia, refletir, argumentar e pensar se possível por conta própria e não feito papagaio. Mas para o autor, o mais importante, em todas as grandes concepções filosóficas de Platão a Nietzsche, e isso sem nenhuma exceção, é uma tentativa grandiosa de ajudar os seres humanos a alcançar uma vida boa superando os medos e as paixões tristes que os impedem de viver bem, de ser livres, lúcidos e, se possível, serenos, amorosos e generosos. Para Luc Ferry, a filosofia é uma doutrina da salvação sem Deus; uma salvação por si mesmo; salvação fundada no exercício da razão. É a busca de uma sabedoria que nos ajuda a esperar um pouco menos, a amar um pouco mais e a viver sem os medos que paralisam a nossa busca pela vida boa.

De tanto lamentar o passado ou ter esperança no futuro, acabamos por perder a única vida que vale ser vivida, a que depende do aqui e do agora, e que não sabemos amar como ela certamente merece. O apego ao passado e a preocupação com o futuro nos levam a perder o instante presente, nos impedem de viver plenamente. Não há outra realidade além da que é vivida aqui e agora. A única dimensão da vida real é a do presente. É preciso realizar cada ação da vida como se fosse a última. Neste sentido, para viver bem, para viver livremente, com alegria, generosidade e amor, precisamos antes de tudo, vencer o medo – ou melhor dizendo, os medos (Ferry, 2007). O medo da morte nos impede de viver bem. Filosofar é aprender a morrer sem que isso nos traga perturbações que entristeçam os nossos dias. “Filosofar, é, no fundo – preferir a lucidez ao conforto, a liberdade à fé; uma busca da vida boa fora da religião, uma procura da salvação sem Deus” (FERRY, 2007, p.30).

Após esse breve percurso na direção da compreensão do sentido da filosofia e suas contribuições para a nossa vida individual e coletiva, podemos nos perguntar: Qual seria a utilidade da filosofia para a nossa vida cotidiana e também qual o valor da filosofia para a nossa formação enquanto estudantes em qualquer etapa dos nossos estudos?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para ser consciente de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes (CHAUI, 2010, p. 29).

### **3. CONCLUSÃO**

É estupidez querer concluir, ainda mais quando estamos pensando questões complexas que sempre podem ser repensadas com mais profundidade e rigor. Filosofia é uma caminhada na direção da sabedoria e da verdade; é a razão em movimento na busca pela compreensão do humano em sua existência no mundo. Fazer filosofia é percorrer esse caminho na busca de um olhar mais amplo a respeito da totalidade do existir humano sem promessa de chegar à terra prometida. É conhecer a si mesmo e o humano em sua complexidade tecida pelas grandes perguntas metafísicas. “A Filosofia é uma ocupação

do homem, que encontra nele seu ponto de partida como também seu ponto de chegada” (BORNHEIM, 1983, p. 100). A filosofia é a sempre renovada pergunta pelo sentido de nossas vidas na história; é a interpretação crítica de todos os acontecimentos humanos.

Como conclusão provisória, podemos dizer que a filosofia é inútil no sentido de aproveitamento imediato visando a resultados materiais ou utilitaristas. O homem prático que só reconhece valor nas necessidades materiais não é capaz de enxergar a importância da filosofia em nossa vida cotidiana. Mas aquele que se preocupa com os bens do espírito, com a estética da alma; aquele que deseja autonomia e liberdade para o ser humano consegue ver a filosofia como uma atividade essencial. O valor da filosofia se encontra no seu potencial problematizador, na unidade sistemática e no exame crítico que nos desafia a superar a postura ingênua, dogmática frente à realidade que exige uma análise rigorosa dos fundamentos de nossas convicções, de nossos preconceitos e crenças. Filosofia foi e continua sendo Amor à Sabedoria que nos faz caminhar na direção da SABEDORIA DO AMOR.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Atena Editora, 1947.

\_\_\_\_\_. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

BORNHEIM, Gerd A. *Introdução Ao Filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. Porto Alegre. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

CIRNE-LIMA, Carlos. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CRESCENZO, Luciano. *História Da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. *O Que É Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERRY, Luc. *Aprender A Viver. Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

- \_\_\_\_\_. *Vencer os medos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GHIRALDELLI, Paulo Jr. *A coruja – símbolo da filosofia*. Disponível em: <https://ghiraldelli.wordpress.com/filosofia/a-coruja-simbolo-da-filosofia/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Princípios da filosofia do direito*. Sta. Cecília: Ícone, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Pereira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio E Conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Universidade de Brasília, 1977.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PIEPER, Josef. *Que É Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- PLATÃO. *República*. Tradução de Juan David Garcia Bacca. In: Obras completas. V. VII. Caracas: Facultad de humanidades y educación, 1980.
- PLATON. *Theaitetos*. In: Werke Platon, Band 6. Darmstadt: WBG, 1970.
- PRADO JR, Caio. *O Que É Filosofia?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- SCHÜLLER, Donaldo. *Por uma filosofia do buraco*. Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre, n.03, Jul/Ago/Set 2007. Disponível em: [www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php).
- SOUZA, RicardoTimm de. *Sobre A Construção Do Sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- SCRUTON, Roger. *Kant*. Porto Alegre, L&PM, 2011.
- STEIN, Ernildo. *Nas proximidades da antropologia*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.